

116 — Feito heroico de Nuno Gonsalves, alcaide do castello de Faria, em 1373 — (pag. 205 na 4.^a ed.)

Reinava entre nós D. Fernando. Este principe, que tanto degenerara de seus antepassados em valor e prudencia, fôra obrigado a fazer paz com os castelhanos, depois de uma guerra infeliz, intentada sem justificados motivos, e em que esgotou inteiramente os thesouros do estado. A condição principal, com que se pôz termo a esta lucta desastrosa, foi que D. Fernando casasse com a filha de el-rei de Castella; mas brevemente a guerra se accendeu de novo; porque D. Fernando namorado, de D. Leonor Telles, sem lhe importar o contracto, de que dependia o repouso de seus vassallos, a recebeu por mulher, com affronta da princeza castelhana. Resolveu-se o pae a tomar vingança da injuria, ao que o aconselhavam ainda outros motivos. Entrou em Portugal com um exercito, e, recusando D. Fernando acceitar-lhe batalha, veio sobre Lisboa e cercou-a. Não sendo o nosso proposito narrar os successos d'este sitio, volveremos o fio do discurso para o que succedeu no Minho.

O Adeantado ¹ de Galliza, Pedro Rodrigo Sarmiento, entrou pela provincia de Entre-Douro-e-Minho, com um grosso corpo de gente de pé e de cavallo, em quanto a maior parte do exercito portuguez trabalhava ou por defender, ou por descercar Lisboa. Prendendo, matando e saqueando, veio o Adeantado até as immedições de Barcellos, sem achar quem lhe atalhasse o passo; aqui, porém, lhe saiu ao encontro D. Henrique Manuel, conde de Cêa, e tio d'el-rei D. Fernando, com a gente que pode ajuntar. Foi terrivel o conflicto; mas por fim foram desbaratados os portuguezes, caindo alguns nas mãos dos castelhanos.

Entre os prisioneiros contava--se o alcaide-mór ² do castello de Faria, Nuno Gonsalves. Saira este com alguns soldados, para soccorrer o conde de Cêa, vindo assim a ser companheiro na commum desgraça. Capti-

vo, o valoroso alcaide pensava em como salvaria o castello d'el-rei, seu senhor, das mãos dos inimigos. Governava-o, em sua ausencia, um seu filho; e era de crêr, que, vendo o pae em ferros, de bom grado désse a fortaleza para o libertar, muito mais quando os meios de defensão escasseavam. Estas considerações suggeriram um ardil a Nuno Gonsalves. Pediu ao Adeantado que o mandasse conduzir ao pé dos muros do castello; porque elle, com suas exhortações, faria com que seu filho o entregasse sem derramamento de sangue.

Um troço de besteiros ³ e de homens d'armas subia a encosta do monte da Franqueira, levando no meio de si o bom alcaide Nuno Gonsalves. O Adeantado de Galliza seguia atraz com o grosso da hoste ⁴, e a costaneira, ou ala direita, capitaneada por João Rodrigues de Viedma, se extendia, rodeando o castello, pelo outro lado. O exercito victorioso ia tomar posse do castello de Faria, que lhe promettera dar nas mãos o seu captivo alcaide.

De roda da barbacã, alvejavam as casinhas da pequena povoação de Faria: mas silenciosas e ermas. Os seus habitantes, apenas enxergaram ao longe as bandeiras castelhanas que esvoaçavam soltas ao vento, e viram o refulgir scintillante das armas inimigas, abandonando os seus lares, foram-se acolher no terreiro, que se extendia entre os muros negros do castello e a cerca exterior da barbacã.

Nas torres os atalaias ⁵ vigiavam attentamente a campanha, e os almocadens ⁶ corriam com a rolda ⁷ pelas quadrellas do muro ⁸, e subiam aos cubellos ⁹, collocados nos angulos das muralhas.

O terreiro, onde se haviam acolhido os habitantes da povoação, estava coberto de choupanas colmadas, nas quaes se abrigava a turba dos velhos, das mulheres e das creanças, que alli se julgavam seguros da violencia de inimigos desapiedados.

Quando o troço dos homens d'armas, que levavam

preso Nuno Gonsalves, vinha a pouca distancia da barbacã, os bésteiros, que coroavam as ameias, encurvaram as béstas, os homens dos engenhos preparavam-se para arrojar sobre os contrarios os seus quadrellos ¹⁰ e virotões ¹¹, em quanto o clamor e o choro se alevantava no terreiro, onde o povo inerme estava apinhado.

Um arauto saiu do meio da gente da vanguarda inimiga e caminhou para a barbacã; todas as béstas se inclinaram para o chão, e o ranger das machinas converteu-se num silencio profundo.

«Moço alcaide, moço alcaide! — bradou o arauto — teu pae, captivo do mui nobre Pedro Rodrigues Sarmiento, Adeantado de Galliza, pelo muito excellente e temido D. Henrique de Castella, deseja fallar comtigo, de fóra do teu castello».

Gonsalo Nunes, o filho do velho alcaide, atravessou então o terreiro, e, chegando á barbacã, disse ao arauto: «A Virgem proteja meu pae: dizei-lhe que eu o espero.»

O arauto voltou ao grosso dos soldados que rodeavam Nuno Gonsalves, e, depois de breve demora, o tropel approximou-se da barbacã. Chegados ao pé d'ella, o velho guerreiro saiu d'entre os seus guardadores, e fallou com o filho:

«Sabes tu, Gonsalo Nunes, de quem é este castello, que, seguindo o regimento de guerra, entreguei á tua guarda, quando saí em soccorro e ajuda do esforçado conde de Cêa?»

«É — respondeu Gonsalo Nunes — do nosso rei e senhor, D. Fernando de Portugal, a quem, por elle, fizeste preito e homenagem.»

«Sabes tu, Gonsalo Nunes, que o dever d'um leal alcaide, é de nunca entregar, por nenhum caso, o seu castello a inimigos, embora fique enterrado debaixo das ruinas d'elle?»

«Sei, oh meu pae! — proseguiu Gonsalo Nunes em voz baixa, para não ser ouvido dos castelhanos que começavam a murmurar. — Mas não vês que a tua

morte é certa se os inimigos percebem que me aconselhaste a resistencia?»

Nuno Gonsalves, como se não tivera ouvido as reflexões do filho, clamou então: — «Pois se o sabes, cumpre o teu dever, alcaide do castello de Faria! Maldito por mim, sepultado sejas tu no inferno, como Judas o traidor, na hora em que os que me cercam entrarem nesse castello, sem tropeçarem no teu cadaver.»

«Morra! — gritou o almocadem castelhano — morra o que nos traiçoou!» — E Nuno Gonsalves caiu no chão, atravessado de muitas espadas e lanças.

«Defende-te alcaide!» foram as ultimas palavras que elle murmurou.

Gonsalo Nunes corria, como louco, ao redor da barbacã, clamando vingança. Uma nuvem de frechas partiu do alto dos muros: grande porção dos assassinos de Nuno Gonsalves misturaram o proprio sangue com o sangue do homem leal ao juramento.

Os castelhanos accommetteram o castello: no primeiro dia de combate o terreiro da barbacã ficou alastrado de ¹² cadaveres tismados, e de colmos e ramos reduzidos a cinzas. Um soldado de Pedro Rodrigues Sarmiento tinha sacudido com a ponta da sua longa chuça um colmeiro incendiado para dentro da cerca; o vento suão soprava nesse dia com violencia; e, dentro em pouco, os habitantes da povoação, que haviam buscado o amparo do castello, pereceram juntamente com as suas frageis mcradas.

Mas Gonsalo Nunes lembrava-se da maldição de seu pae: lembrava-se, de que o vira moribundo, no meio dos seus matadores; e ouvia a todos os momentos o ultimo grito do bom Nuno Gonsalves: — «Defende-te, alcaide!»

O orgulhoso Sarmiento viu a sua soberba abatida, deante dos tervos muros do castello de Faria. O moço alcaide defendia-se como um leão, e o exercito castelhano foi constrangido a levantar o cerco.

Gonsalo Nunes, acabada a guerra, era altamente

louvado por seu brioso procedimento, e pelas façanhas que obrara na defesa da fortaleza, cuja guarda lhe fôra encommendada por seu pae, no ultimo transe da vida. Mas a lembrança do horrivel successo estava sempre presente no espirito do moço alcaide : e, pedindo a el-rei o desonerasse do cargo, que tão bem desempenhara, foi depôr ao pé dos altares a cervilheira e o saio de cavalleiro para se cobrir com as vestes pacificas do sacerdocio. Ministro do sanctuario, era com lagrimas e preces que elle podia pagar a seu pae o ter coberto de perpetua gloria o nome dos alcaides de Faria.

Mas, esta gloria, não ha hoje ahi uma unica pedra, que a atteste. As relações dos historiadores foram mais duradouras que o marmore.

Alexandre Herculano (1810-1877).

¹ governador general (antigamente) de provincia fronteira. ² governador d'um castello. ³ soldados armados de béstas, que eram umas pequenas machinas de atirar settas e pedras. ⁴ exercito (do L. *hostis*, inimigo). *Host-il*, *-ilidade*, *-ilisar*, *-ilmente*, ⁵ vigias. ⁶ especie de capitão. ⁷ roldas ou sobreroldas eram os soldados e officiaes encarregados de rondarem os postos e atalaias. ⁸ lanços da muralha repartidos a *quadrellas* (quadrilhas, turmas) de gente para os defender. ⁹ torreões. ¹⁰ settas com ferro de quatro faces. ¹¹ lanças de arrojar. ¹² mensageiro, pregoeiro (do L. *heraldus*, heraldo). *Herald-o*, *-ica*, *ico*. ¹³ gr. § 140, a.

117 — Scena II do VI quadro do Fausto
(Pag. 308 na 4.^a ed.)

O QUINTEIRÃO

Viva e reviva a liberdade e o vinho !

MEPHISTOPHELES

Eu, em honra e louvor da liberdade,
tambem vasava um copo, se não fôra
tão soez ¹ a mixtella ² cá da casa.

O PENEIRA

Cale a bôca praguenta !

MEPHISTOPHELES

Se eu soubesse
que se não agastava o taberneiro,
offerecia á bella sociedade
um *quod ore* ³ do nosso. Estou que haviam
lamber-lhe os beiços.

O PENEIRA

Venha sempre, venha.
Com elle eu me haverei.

O RANS

Sendo a pinguinha
do que a gente mastiga, e farta a dose,
cá louvor ao que é bom não se recusa.

O QUINTEIRÃO (baixinho)

São do Rheno, já vejo.

MEPHISTOPHELES

Uma verruma,
se a ⁴ ha !

O BOTAFOGO

Mas para que? Deixou na rua,
fôra da porta, a pipa !

O QUINTEIRÃO

O taberneiro
ha-de ter d'isso alli naquelle canto,
na cesta em que arrecada a ferramenta,

MEPHISTOPHELES (tira da cesta um trado. A *Rans*)

Para o seu paladar que vinho escolhe?
Peça por bôca!

O RANS

Diz então na sua
que tem de toda a casta?

MEPHISTOPHELES

O que repito
é que peçam por bôca!

O QUINTEIRÃO (a *Rans*)

Este já cuida
que está chuchurreando⁵.

O RANS

Eu, já que é livre
a cada um pedir, peço do Rheno⁶;
sempre é vinho patricio.

MEPHISTOPHELES (furando na borda da meza,
deante do logar de *Rans*)

Arranjem cera,
que ha-de servir para fazer batoques.

O QUINTEIRÃO

Prestigiações, aposto.

MEPHISTOPHELES (apontando para o *Botafogo*)

E o seu vizinho?

BOTAFOGO

Eu cá, champanha; e que esfuzie ⁷ escumas

(Mephistopheles vae furando. Um vae no entanto tapando os buracos com rolhas de cera)

Nem tudo que é da extranja ha-de engeitar-se.
Muita coisa ha bem boa em longes terras.
Sou allemão de lei: detesto a França
pessoalmente fallando; agora os vinhos...

O PENEIRA (ao approximar-se-lhes *Mephistopheles*)

Sempre embirrei com pinga avinagrada.
Para mim quero vinho de senhoras,
docinho.

MEPHISTOPHELES (furando)

Ahi tem Tokai ⁶

O QUINTEIRÃO

Dar-se-ha que estes senhores se apostassem
a vir zombar de nós?

MEPHISTOPHELES

Zombarmos com tão nobre sociedade,
era audacia de mais.

(Para o *Quinteirão*)

Sem cerimonia,
de qual toma?

O QUINTEIRÃO

Qualquer, mas desempate!

MEPHISTOPHELES (que, deante de todos, vae fazendo buracos que se tapam com rolhas, canta):

De si cachos a parreira,
de si pontas deita o bode ;
logo, a exemplo da videira,
deitar vinho a mesa póde,
apesar de ser madeira.
Grande abysmo, ó natureza !
Que rastreia os teus caminhos !
Ora sus, mortaes mesquinhos !
Rolhas fóra ! Ahi vão da meza
borbotar caudaes ⁹ de vinho.

(Todos tiram as rolhas, e a cada um corre no copo o vinho que desejou)

TODOS

Que bello chafariz !

MEPHISTOPHELES

Mas summo tento
em não verter por fóra alguma gotta.

(Bebem repetidas vezes)

TODOS (cantando)

Beber, beber ! sinto barruntos ¹⁰
de desbancar qualquer selvagem !
Beber, beber ! quaes na lavagem
bebem quinhentos porcos juntos.

MEPHISTOPHELES

Ahi tem o povo livre, e os seus regalos !

FAUSTO

Tomára-me já longe d'estes brutos.

MEPHISTOPHELES

Inda isto não é nada. Aguarde um pouco,
e verá onde chega a brutidade.

O PENEIRA (bebe sem cuidado, e entorna parte do vinho
que, tocando no chão, se converte em labareda)

Acudam ! fogo, fogo ! Isto é, má hora,
lume do inferno.

MEPHISTOPHELES (esconjurando a chamma)

Meu valido ¹¹ lume,
para ahí já, (*Aos convivas*) Foi uma só pinguinha
do que ha no purgatorio.

O PENEIRA

Estes figuros
não sabem com que gente estão mettidos.
Póde-lhes sair cara a brincadeira.

O RANS

Não caia noutra ; eu já o aviso.

O QUINTEIRÃO (aos companheiros)

Será melhor pedir-lhe em cortezia
que se nos ponha ¹² ao fresco.

O PENEIRA (levantando se de punho fechado
para *Mephistopheles*)

Ab, sô marmanjo,
pois então, lá suppoz que isto eram ¹³ asnos,
bons para embasbacar com peloticas ?

MEPHISTOPHELES (ao *Peneira*)

Cal'-te, ahi, pipa velha !

O PENEIRA

Então já viram
atrevimento assim ? vir insultar-nos
este pau de vassoira, cavallinho
d'alguma bruxa ao sabbado !

O BOTAFOGO

Sem tosa
já elle se não vae.

O QUINTEIRÃO (tira uma das rolhas de cera e golpha
do buraco sobre elle uma lingua de fogo)

Ui que me queimo !

O PENEIRA

Mata, mata o marau ! facada nelle !
Olhem não vôle ! Segurá-lo ¹⁴ e fogo !

(Puxam pelas facas e correm sobre *Mephistopheles*)

MEPHISTOPHELES (declamando)

Falsas vistas, sons fingidos,
transtornae-lhes os sentidos !
Sem sair, vaguem perdidos !

(Param attonitos, olhando uns para os outros)

O QUINTEIRÃO (como fascinado)

Onde estou ? Linda terra !

O RANS

É certo... vejo-os...
são parreiras!

O PENEIRA

Que suspensão de cachos!
e tão à mão!

O BOTAFOGO

Oh! que alentada cepa!
oh! que famosos cachos. que se abrigam
aqui sob esta parra verdejante!

(Agarra o *Peneira* pelo nariz e cada um vae fazendo outro
tanto ao vizinho, e levantando a faca)

MEPHISTOPHELES (como acima)

Varrei-vos, illusões!
De lhes mostrar acabo
se podem co'o diabo
medir-se uns beberrões.

(Saem *Mephistopheles* e *Fausto*)

Visconde de Castilho (Antonio Feliciano)
Traducção do *Fausto* de Goethe, poeta allemão.

¹ de baixo preço, ordinario, vil. ² ou *mistella*, mistura, misturada, mistiforio, mixordia. ³ pinga de vinho, nma vez de vinho. ⁴ § 119, a. ⁵ beber sorvendo. ⁶ grande rio da Europa; nasce no S. Gothardo, um dos principaes montes dos Alpes, e lança-se no mar do Norte, após um percurso de 320 leguas. ⁷ esfuziar é zunir como os projecteis da fuzilaria. ⁸ ou Tokay, logar da Hungria, afamado pelos seus vinhos. ⁹ adj. empregado como subst. — correntes abundantes, torrentes. ¹⁰ prop. conjectura, suspeita. ¹¹ syn. favorito. Distinga de *válido*. ¹² § 131. ¹³ § 119, o. ¹⁴ § 236, 1.

118 — Philippe II (pag. 292 na 4.^a ed.)

Parecido nas feições a Carlos V, mais alvo do que pallido, loiro de cabellos, muito semelhante ao imperador ¹ no geito da boca e na figura da barba, esta conformidade comtudo não passava do aspecto ² externo da pessoa.

Nenhum dos dois foi de elevada estatura: mas D. Philippe, um pouco mais baixo, encobria a differença com o airoso porte e agilidade do corpo: mas a physionomia do filho, menos aberta desde a juventude, nunca se animou da espiituosa penetração, que tanto realçava a expressão do rosto do neto de Izabel a Catholica ¹.

Menos communicativo e affavel do que o vencedor de Francisco I ³, mais hespanhol sobretudo nas maneiras e costumes, D. Philippe até na mocidade se eximia com frequencia de assistir aos exercicios guerreiros, ás fragosas distracções da caça e aos namorados saraus do paço.

Na convivencia intima com os validos nem uma só vez se esqueceu de quem era, nem permittiu que os outros o olvidassem. Formava tão alta idéa da grandeza de um monarcha e do respeito devido ao seu character, que para o conservar inalteravel apenas sorria de leve. Riso claro e nascido da alma, ninguem nunca lh'o divisou em toda a sua longa carreira. A sympathia ⁴ e a sinceridade não eram as virtudes que prezava.

Em 1588 Philippe II, contando cincoenta e tres annos, entrava no que pôde, sem receio, chamar-se o segundo periodo da sua vida politica.

A saude, mais debil que a vontade, já lhe paralysava em occasiões decisivas o ardor laborioso que o consumia. A gota, enfermidade hereditaria ⁵, accommettia-o a miudo, e não concorria pouco para de dia em dia elle se tornar mais taciturno, severo e sedentario.

Desde então cada anno mais firme na idéa de que a Hespanha era o primeiro dos seus estados, e Madrid a cabeça de todos elles, preferiu o repouso do corpo e as vigílias do espirito ás viagens repetidas e ás continuas mudanças de residencia, de que o imperador lhe deixara constante exemplo.

Os subditos das provincias hespanholas poucas vezes o viram, e os de Napoles, de Flandres, e do Milanez sabiam só que existia o soberano, quando os vice-reis e governadores lhes arrancavam, em seu nome, avultados subsidios, ou lhes intimavam os edictos sobre a fé.

Convencido por crença e por orgulho de que a auctoridade real emanava do poder de Deus, e julgando-se predestinado pelo céo para ser a columna da egreja, o freio e açoute da heresia, e o extrenuo campeão da unidade catholica, os planos mais tenebrosos, as ciladas, os crimes, e a oppressão dos povos apenas significavam para elle meios humanos applicados com mais ou menos rigor, segundo requeriam as circumstancias, para attingir os fins que se propunha.

O bem ou o mal, a justiça ou a iniquidade, a clemencia ou a crueza, reputava-os meios politicos apropriados, ou nocivos, conforme os tempos e os successos.

Hoje mandava o duque de Alba a Flandres para afogar em sangue as doutrinas da reforma, e deixar rolar decepadas aos pés do verdugo as cabeças dos condes de Horne e de Egmont; ámanhã desenganado de que a resistencia não cedia aos algozes e homens de armas, enviava o commendador-mór de Castella, e após elle D. João de Austria para alcançar por meios suaves o que os subditos sublevados tinham negado á coacção dos carceres, dos tratos e dos patibulos.

Em ambos os casos, paciente e tenaz, só optou pelo segundo extremo depois de exgotado o primeiro. E tanto, quando um capitão victorioso e inexoravel convertia quasi em deserto as cidades, vestindo de lucto

milhares de familias, como quando D. Luiz de Requesens e D. João partiam incumbidos de cicatrizar tantas feridas, no peito de marmore do soberano, no seu coração surdo aos prantos e clamores, nunca uma voz compadecida se ergueu para lhe lembrar as lagrimas dos orphãos e das viuvas, que a espada dos seus soldados fazia derramar.

Tão insensivel ás proprias dôres, como ás alheias, viu sumir no sepulchro o cadaver de seu filho primogenito e os de mais dois cortados em flôr; viu desaparecer uma após outra suas quatro esposas; viu cair em redor de si os generaes, os ministros e os confidentes de seus pensamentos, sem que o semblante immovel e impenetravel denunciasse as amarguras e saudades do homem!

Invocando como razão e pretexto os mandamentos da unidade catholica, corava com os interesses d'ella as ambições que o devoravam e as violencias em que ensanguentava as mãos, julgando-se absolvido de todos os crimes pela santidade da causa.

Seria devoção, hypocrisia, ou fanatismo?

A posteridade hesita; mas parece provavel que de todas tres se compuzesse este character sombrio e vingativo, insondavel abysmo de orgulho e de tenebrosas superstições, realçado por innegaveis qualidades monarchicas.

L. A. Rebello da Silva (1828-1871).

¹ Carlos V. seu pae, imperador d'Austria e rei de Hespanha.
² apparencia, exterior; *vista* d'um ou mais objectos, d'uma ou mais pessoas (L. *aspectus*, de *aspicere* (*ad, spécere*), olhar, observar). Cp.: specimen, espectro, especulo espelho; *a-specto* (*circump-pro-retro*); *circum-specção*; *per-specti-vo* (*re-*); *de-speito* (*re su-*); *front-ispicio*; *perspic-az, -uo*. Complete esta familia de palavras. Obs. 1.^a L. *sp* inicial converte-se em *esp* na passagem para portug. Assim *espectro*, *especulo*, etc. Obs. 2.^a A letra *c* da combinação *ct* (quando esta não provem de syncope) transforma-se 1) geralmente em *i* (*de-, re-, su speito*; cp. *sectam* = seita, *rectorem* = reitor, *delectare* = deleitar, *perfectionem* = perfeição), 2) raramente em *u* (*doctum* = douto); e 3) desaparece precedida de *n* (*punctum* = ponto,

defunctum = defunto). Quando *c* se não dissolve em *i*, o *e* precedente tem o som aberto; ex. director, abjecção, lectivo, protecção, adjectivo. *Obs.* 3.^a Todas as leis da transformação do L. em port. dizem principalmente respeito ás palavras de origem popular. ³ Carlos V, venceu Francisco I, rei de França, na batalha de Pavia, fazendo-o prisioneiro. ⁴ veja pag. 183. nota 1.

119 — O moleiro, o filho e o burro (pag. 334 na 4.^a ed)

Um moleiro e seu filho iam á feira
 Vender um burro. O pae, homem de idade,
 O filho, rapagão, se eu bem recordo,
 Rapagão de quinze annos. — Por que o burro
 Chegue mais fresco, e tenha melhor venda,
 Atam-lhe os pés; e o pae, e mais o filho,
 Qual lustre de crystal, suspenso o levam.
 De riso se escangalha o que primeiro
 Viu o trafego ¹. *Olhae os parvos* (disse),
Os rusticos idiotas! a que theatro
Vão dar esse entremez? Ora o mais burro
Dos tres, não é por certo o que o ² parece.
 Aqui viu o moleiro a asneira sua;
 Apeia a besta, e põe-na a seu caminho.
 Gostára o burro mais da outra andadura;
 E, orneando, se queixou: mais d'isso ao velho
 Mui pouco ³ se lhe deu. Manda que monte
 O filho, e á pata o pae lhe vae na cola ⁴.
 Tres bons mercantes passam por acaso,
 E do que vêm se enojam; grita rijo
 O mais edoso ao filho: *Desce, desce,*
Olá, rapaz, não queiras que o repita;
Tão moço e com lacaio de alvas barbas!
Cabe ao velho montar e a ti segui-lo.
 (Moleiro) Bem é, senhores meus, que en vos contente.
 — Apeia se o rapaz e monta o velho.

Eis vem tres raparigas, e diz uma.

*Que vergonha! ver esse cachopinho*⁵

Estafar se, indo a pé e este papalvo

Sentado, como um bispo, bambolear se

No burro, e ter se em conta de sabido!

(*Moleiro*) Achae-lo vós papalvo, com cãs⁶ brancas!

Muchacha⁷ ide onde ides, vo lo digo.

— Tanta picuinha⁸ ouvin, retrucou⁹ tanto,

Que no erro deu. Poz na garupa o filho. —

Mal passos trinta andou, que eis outro rancho,

Que passa, lhe diz lerias¹⁰: *Fóra tontos!*

*O pobre burro espicha*¹¹; *o ultimo arranco*

Dará a taes bordoadas.

Tanta carga num triste animalejo,

Sem terem dó d'um servidor antigo!

Vender-lhe só na feira a pelle querem.

(*Moleiro*) Bem tolo é quem pretende a gente toda

E seu pae contentar. Porém tentemos

De o conseguir¹² por algum meio. — Eis descem

Ambos, e o burro vae deante d'elles,

Grave como um prelado.¹³ Mas um certo,

Que os encontrou, lhes diz: «É moda agora

Ir o burro assim leve, e o dono á pata?

Cabe ao dono o canção, ou cabe ao burro?

Porque o não trazem cá num relicario?

Gastar as solas por que o burro poupem!

Não assim Nicoláo, que diz a copla:

Que, quando vae ver Joanna,

Na sua besta monta.

Tres guapos asnos são.» (*Moleiro*) Convenho e é certo

Que asno sou: mas desd'ora¹⁴ mofem, louvem,

Digam muito os praguentos¹⁵, digam nada,

Seguirei meu bestunto¹⁶ — Assim foi feito:

E fez muito bem.

Francisco Manoel do Nascimento (*Filinto Elysio*),
Traduzido de La Fontaine.

¹ a) negocio, movimento mercantil; b) trabalho, lida. ² § 189, 3). ³ § 122. ⁴ rasto, seguimento. *Cola* significa *cauda* em

hespanhol. ⁵ rapazinho (termo da Beira). ⁶ *Cã*, por *cana*, fem. de *cano*, alvo, branco. Cabello branco da cabeça ou barba. (usa-se em geral no pl.) ⁷ rapariga. (É palavra hespanhola) ⁸ dito picante, chalaça. ⁹ replicou, respondeu. ¹⁰ frioleiras, chufas. ¹¹ espichar, é morrer. ¹² ou tentemos consegui-lo. § 225, a, Obs. ¹³ chefe ecclesiastico (bispo, etc.) Cp. prela-*da* (superiora de convento) -*zia*, prelat *ura*, -*icio*. Raiz *lat.* e pref. *pre*, adeante. Formam-se semelhantemente : ab-lat-*ivo* ; col-lat-*or* ; de-lat-*or*, -*avel*, -*or*, -*orio*, dilat-*ar*, -*avel*, -*ador*, -*orio*, -*ação*, -*abilidade* ; oblat a (s), -o (adj.) ; re-lat *ar*, *ivo*, *or*, -*orio* ; super-lat-*ivo*, trans-lat-*o*. Laç. (por *lat*) e o suf. *ão*, com os pref. *ab*, *col* (con), *de*, *di*, *ob*, *re*, *trans*. Traslada-*ar*, -*o-ação*. ¹⁴ desde agora. ¹⁵ que rogam pragas ; e por ext. maledicentes, maldizentes. ¹⁶ cabeça de pouco juizo, cachimonia. (É termo familiar.)

120 — Francisco de Sá de Miranda (pag. 300 na 4.^a ed.)

Sá de Miranda, verdadeiro pae da nossa poesia, um dos maiores homens do seculo, foi o poeta da razão e da virtude ; philosophou com as musas e poetizou com a philosophia. Seu muito saber, sua experiencia, seu trato affavel, e até a nobreza do seu nascimento lhe deram indisputada superioridade a todos os escriptores d'aquelle tempo, dos quaes era ouvido, consultado e imitado. Sá de Miranda exerceu sobre todos os poetas d'aquella época a mesma especie de imperio que veiu a ter Boileau ¹ em França, e mais modernamente Francisco Manoel entre nós. Introduziu na poesia os metros italianos, e os modos, versos, e combinações de rimas de Dante e Petrarca ² ; desd'ahi quasi se abandonaram inteiramente (excepto nas voltas e glosas) os nossos antigos versos de redondilha, e absolutamente os de arte maior e menor, que, ainda assim, mui proprios são para certos assumptos ³, segundo, com feliz exemplo, no-lo mostram antigos e modernos poetas. Nem o mesmo Sá de Miranda egualou nunca em composições hendecasyllabas ⁴ a pureza, a correcção, a naturalida-

de, e sublime simplicidade de suas redondilhas nas epistolas ⁵, que hoje são seu maior e quasi unico titulo de gloria.

São de admirar suas comedias, e são notavel monumento para a historia das artes pela feliz imitação dos antigos, e pelo que excedem quanto até então se tinha escripto. Porém, o theatro portuguez, creado pela musa negligente e travessa de Gil Vicente e Antonio Prestes, carecia de reforma, mas não podia supportar uma revolução. As comedias de Sá de Miranda, sem character nacional, mui classicas de mais, não eram para reformá-lo: o mesmo direi e o mesmo succedeu ás de Ferreira, e a algumas poucas mais, que depois vieram. O effeito d'estas composições, aliás preciosas, foi funesto: os litteratos enjoaram-se (e com razão) do theatro nacional, e não se deram a corrigi-lo e melhorá-lo; o publico preferia (e com razão tambem) o com que fôra creado, o que o divertia, e antes queria rir com as grosserias dos autos populares, que bocejar e adormecer-se com as finuras d'arte e correcções d'essas comedias, que tudo tinham, menos interesse, onde todo o espirito havia, menos o nacional.

Se houveram Sá de Miranda e Ferreira, escolhido assumptos portuguezes, se houveram pintado os costumes nacionaes, e apresentado ao publico, em vez de quadros italianos, um espelho em que se elle visse a si e aos seus usos, e se risse dos seus proprios defeitos, fico em que houveram reformado o theatro em vez de lhe empecer: e acaso gozariamos ainda hoje em uma scena rica e abastada dos resultados d'esse impulso, quando não temos senão que chorar, e vivemos, sobre o theatro, das migalhas que mendigamos a estrangeiros pelo triste meio de traducções, que (as dramaticas sobre tudo) nunca podem ser boas.

Visconde de Almeida Garrett (1796-1854).

¹ pronuncia-se *buálô*. ² notaveis poetas italianos. ³ Materia, thema, ponto sujeito, objecto de que se trata. Primit. L.

sumptum, supino de *sumere* (*sub, emere*), tomar, agarrar. Cp.:
 as (*ad*) SUM-*ir* SUMPT-*ível,-o* SUMPÇ *ão*
 con- » » -*ido, -idor, -ível, -o* » *ivo,* » »
 pre- » » » » » » -*uoso,* » -*oso*
 re- » » » » » » -*a* »

⁴ *hendeka*, onze. Cp. decasyllabo (*deka, dez*), dissyllabo (*dis, dois*)
 monosyllabo (*monos, um só*), trissyllabo, (*tris, tres*) polysyllabo
 (*poly, muitos = polus, numeroso*); hendecágono (*gonia, angulo*).
⁵ *syn. carta*; aqui carta em verso. G. *epi*, para, sobre, e STELLÔ
 eu envio. Cp. apostolo (*apo, longe*), diastolle (*dia, atravez*), sys-
 tole (*syn, pref. que indica combinação, união*), perisystole (*peri,*
 em roda.)

121 — O mendigo (pag. 325 na 4.^a ed.)

I

O sol passou nos céos ; — sob o carvalho,
 Por cujos troncos se pendura a vide,
 Cego ancião,
 Mirrada dextra supplice extendendo,
 Ao passageiro, que o despreza, implora
 Do opprobrio o pão.

Ninguém o escuta ; o dia foge, e a noite
 Envolve a luz no manto impenetravel ;
 E elle chorou :
 E, em seus andrajos, para choça alpestre,
 Sem se queixar de Deus, tardios passos
 Encaminhou.

Mas antes que chegasse ¹ ao pobre albergue,
 Do presbyterio ² o sino harmonioso
 Soar ouvia,
 Que, despedindo em roda os sons pausados,
 Convidava os fleis a erguer as preces
 Da Ave Maria.

Á cruz do adro relvoso as mãos mirradas
 O velho ergueu, e ao céu inuteis olhos
 E uma oração,
 A oração no infeliz, que Deus só ouve
 Quando o desdenha o mundo e ludibria
 Sua afflicção.

A lampada da egreja, triste e muda,
 Bruxoleava sem clarão, pendendo
 Ante o altar-mór :
 Como o templo, o porvir era do velho
 Cheio de sustos, muda como o templo
 Era a sua dôr.

Rezou, rezou, e os olhos se enxugaram :
 O orar fervente as lagrimas enxuga,
 Qual prado o léste.
 Deus o inspirou ; esperança é filha sua,
 Doce esperança, que os mortaes só deixa
 Sob o cypreste.

Voltou á choça, e a macilenta fome,
 Sem gemer, supportou sobre o seu leito,
 Que é quasi a terra ;
 E, confiado em Deus, entre as angustias
 Do mal, menos crueis que as do remorso,
 Os olhos cerra.

II

Restruge o mar cavado ; o vento zune
 Pelos mastros da nau ; colhido, o panno
 Das vergas pende ;
 Brinco das vagas, o baixel, arfando,
 Fluctua incerto, e, dos bulcões guiado,
 Os mares fende.

Correndo arvore sêca, avulta ao longe.
 Como alma em pena vagueando à noite
 Em seu fadario ;
 E pelas trevas branquejando a escuma,
 Que da prôa espadana, imita as prégas
 D'alvo sudario.

Envolto no gibão amplo e felpudo,
 Rude piloto ao leme trabalhoso
 Véla encostado ;
 Que, se não mentem calculos, o porto
 Proximo está, dos lassos navegantes
 Tão suspirado.

III

O vento vae quebrando, e ja rareiam³
 Grossos montões de acastelladas nuvens :
 Diurno alvôr
 Traça no céu d'oriente um risco immenso,
 Que reflecte no mar, que veste, ao largo,
 Cerulea côr.

Surge o sol radioso e inunda as vagas,
 Que se acalmam ; nivelam-se : o horisonte
 Mais amplo é já :
 Cava aragem ligeira a larga véla,
 E do cesto o gageiro clama : — «terra !
 Ei-la acolá !»

Como deslisa o goso nos semblantes,
 Por entre as rugas do terror passado !
 Como é formosa
 Essa pallida praia, e esses rochedos,
 E lá no extremo os pincaros da serra
 Erma e saudosa !

De indicas mérces ⁴, de oiro carregada,
 Aprôa á terra, com celeuma alegre,
 A nau pujante ;
 E pelo verde mar do porto amigo,
 Abrindo a esteira, restitue á patria
 O navegante.

IV

É meia noite : — os gallos pela aldeia
 Dizem que um dia mais desceu ao nada
 E que outro vem,
 Para dar luz a dôres e alegrias
 E depois nos abysmos do passado
 Cair tambem.

E o mendigo da aldeia, o velho cego,
 Sobre o duro grabato, em choça humilde,
 Achou a paz.

Em sonhos via um filho : a longes terras
 A miseria o levou : mudada a sorte
 Feliz o traz.

Quantas vezes presága a mente do homem
 Véla como um propheta, emquanto o somno
 Seus membros prende :
 E, como em trevas de amargosos dias,
 No porvir uma luz, prevista em sonhos,
 Grata se accende !

V

Nos gonzos ferrugentos range a porta
 Do tugurio do pobre adormecido
 E descuidado ;
 Que do mendigo o umbral patente é sempre,
 Nem carece de estar, como o do rico,
 Aferrolhado.

O bom do velho ao sobresalto acorda,
 E as lagrimas de alguém banham-lhe a face,
 E o pranto é mudo ;
 Mas breve um grito e o soluçar e os beijos
 E o sonho que passou e a voz do sangue
 Lhe dizem ⁵ tudo.

Não mais sob o carvalho ao velho honrado
 Esmoladora mão o peregrino
 Extenderá :
 Meigos lhe sorrirão extremos dias,
 E as suas cinzas filial gemido
 Consolará.

Alexandre Herculano (1810-1877).

¹ § 216, a, 7). ² a igreja da freguezia. ³ § 80, I, 2). ⁴ mercadorias. ⁵ § 116, c, 3.)

122 — El-rei D. Sebastião (pag. 321 na 4.^a ed.)

D. Sebastião, desde a mais tenra mocidade, manifestou logo as inclinações, que se tornaram, com o tempo, a feição predominante ¹ do seu character ².

À medida que se adeantava em idade, os devaneios da adolescencia convertiam-se em planos immutaveis ³, que a natural obstinação e os delirios da phantasia lhe pintavam como lances ⁴ dignos de um grande rei, e para os quaes tudo lhe faltava menos vontade tenaz, com que proseguiu nelles até os chegar a consummar, por desgraça sua e da nação.

Um livro da vida de Carlos V, que nunca lhe saía das mãos, narrando as luctas do imperador com os turcos, e outras obras da mesma natureza, acabaram de lhe transtornar as idéas, inflamando cada dia mais o seu ardôr.

Os rasgos de valor e as victorias do Oriente, ultimo raio de gloria, com que a nossa grandeza se despedia no occaso, abrazaram-no na impaciencia de não ficar inerte, emquanto os seus vassallos se coroavam de loiros.

Unindo á demasiada confiança em si uma viva fé nos auxilios da Providencia, nada menos se propunha do que cingir a espada de conquistador, dilatando a religião e os seus dominios, e alçando as quinas victoriosas sobre as torres de Marrocos!

As distancias, as fadigas e as despezas, os mares que tinha de atravessar, os trabalhos a que expunha o reino desfallecido, os perigos que o esperavam, e a incerteza do exito em expedições tão arriscadas, nada o podia deter.

Para elle os mais provados obstaculos não passavam de pretextos futeis, inventados pelo terror de conselheiros acanhados e incapazes de attingirem a elevação dos seus designios; e desprezava-os com a presumpção de um homem, que se dizia fadado pelo céo para mudar com a sua presença a face dos imperios.

Dominado por estas illusões, a cegueira voluntaria, que o obcecava, cobriu-lhe sempre de nuvens a verdade. O seu maior prazer era discursar sobre as artes da guerra e da navegação, que apenas conhecia pelos livros. Quando os annos lh'o permittiram, empregou o tempo de que podia dispôr, ainda com detrimento da administração do paiz, em se aperfeiçoar nos exercicios mais proprios para robustecer o corpo, desenvolver as forças e apurar a destreza.

O seu animo orgulhoso até nestas recreações se revelava. Nas justas e torneios, em que entrava com os mancebos da sua idade, se algum competia com elle no garbo, ou no primor, soffria-o tão mal, que só a custo occultava o resentimento.

O embaixador veneziano Tiépolo, descrevendo a côrte e a pessoa de D. Sebastião, mostra a paixão que el-rei mostrava pela caça.

O príncipe, segundo elle affirma, occupava quasi todos os seus dias nas coutadas de Almeirim, acompanhado unicamente de quatro, ou de seis cavalleiros, e de vinte monteiros de pé.

Nesta época, assim como depois, o neto de D. João III vestia-se com grande simplicidade, procurava os perigos só pelo prazer de os affrontar, e zombava dos que, tremendo pela sua conservação, lhe aconselhavam mais moderação e prudencia.

De verão em Salvaterra e Almeirim, de inverno nas brenhas de Cintra, pondo de parte os cuidados do governo, e confiando cegamente dos ministros o despacho dos negocios, não descansava um momento das corridas e monterias, expendo-se, de proposito, aos frios, ás calmas, e ás injurias das estações.

Insensível ás fadigas, que os outros supportavam com trabalho, e não contente com as ousadias que em terra inquietavam os que o seguiam, saía frequentes vezes nas galés a desafiar a braveza do mar em dias de temporal.

.....
 Este foi o venenoso fructo da falsa educação, dada pelos preceptores do rei, e consentida pelo cardeal infante.

Pondo a idéa no desejado valimento, não socegarão emquanto não converteram em defeitos as grandes qualidades de que o rei era dotado. Pervertendo-lhe a indole generosa, uns e outros talvez cuidavam trabalhar para si ; mas Deus puniu-os, fazendo cair sobre todos elles, desfeito em pó, o edificio de suas esperanças.

Abusaram da confiança leviana que lhes entregára, com a educação do mancebo, o fio dos futuros destinos de Portugal. Saudado no berço pelas acclamações dos subditos, como penhor da independencia da nação, o monarcha tinha nascido para ser um dos principes mais queridos e venturosos. Inculcaram-lhe como virtudes os excessos e extremos d'ellas ; e, illudido pelos

impetos juvenis e pelas falsas noções das coisas, o desditoso rei trocou o caminho verdadeiro pelo arriscado declive, que o levou ao precipício.

A devoção transformou-se em fanatismo, o desejo de se exaltar com gloria converteu-se no louco ardôr de conquistas impossiveis, e o timbre da realeza gravou-se na caprichosa cegueira de satisfazer a todo o custo a vontade absoluta!

Quem não o applaudisse tornava se-lhe suspeito, e quem o contrariasse era logo reputado mau vassalo. D. Luiz de Athayde e D. João de Mascarenhas, um com os loiros ainda viçosos da victoria de Gôa, o outro com as palmas ainda verdes do cerco de Diu, ficaram mal olhados por opporem a razão ás sonhadas felicidades da empreza, que os lisongeiros apregoavam.

Nos conselhos não admittia contradicção; exigia obediencia. Nas relações domesticas, e até na presença dos perigos, ria-se da experiencia como de coisa velha e inutil, tratando a prudencia de ⁵ medrosa e pueril. Só escutava o orgulho, funesta origem dos immensos reveses, que encerraram a sua curta e tão infeliz carreira.

Luiz Augusto Rebello da Silva (1828-1871).

¹ Que tem o principal dominio, maior força, poder, virtude, influencia. ² Propr. marca, figura, signal; d'aqui — o distinctivo das qualidades de alguma coisa; fig. as proprias qualidades, que são como que o signal distinctivo dos individuos e das coisas. Por ext. firmesa, constancia, rectidão no proceder. ³ *Immutavel, Immudavel* (fórmãs divergentes do L. *immutabilem*.) Primit. *mudar* L. MUTARE. V. n.º 25, nota 5. Obs. 1.º e n.º 156., nota 8. Obs. Cp. *muda ção, torio, bilidade, -avel; muda-r, nça, -dor, diço*. Complete está familia com os pref. *con, de, in, per, re, trans*. Fórmãs divergentes, *mudavel, mutavel; immudavel immutavel; transmudar, transmutar; transmudação, transmutação*. ⁴ Lanço, acção de lançar, impeto, impulso, arremesso. Obs. Muitos fazem distincção entre *lance e lanço*, e por isso usam de *lance* fallando de acção, ou occasião: v. g. *lance de vilão, lance difficil*, etc., e de *lanço* nos outros sentidos. Porém, grande numero de auctores usam indifferentemente d'estes dois vocabulos em todos os sentidos; ex. em Vieira *lanço da Providencia* ⁵ § 153, b, 1.)

123 — Fabula dos dois ratos (pag. 339 na 4.^a ed.)

— Contam ¹ que outro tempo ²
 Um rustico leirão ³ na pobre lorga ⁴
 Agasalhara da cidade um rato ;
 Velho hospede de velho e caro amigo :
 Poupado, agenciador ; mas que em taes lances
 Ensanchas ⁵ dava ao animo acanhado.
 Por atalhar : de seu granel antigo
 Não poupa a aveia, o chicharo não poupa :
 Resequido bagulho ⁶ eis vem na bôca ;
 Vem de toucinho o encetado naco,
 Desejando vencer co'a varia ⁷ ceia
 O fastio do hospede, que apenas
 Lhe ousa tocar c'o desdenhoso dente.
 Em frescas palhas estirado, emtanto,
 Come o dono da casa a escandea ⁸, o joio ⁹,
 Por ¹⁰ deixar-lhe o melhor das iguarias.
 Emfim discorre o cortezão :— «Amigo ¹¹,
 Como pôdes viver tão triste vida
 Na encosta d'este alcantilado monte ?
 Porque não trocas a cidade, os homens,
 Por ¹² esta soledade, e horridas brenhas ?
 Meus conselhos abraça : vem comigo :
 Tudo o que vive sobre a terra, tudo
 Perecedor espirito sorteia :
 Grande, pequeno, ao Lethes ¹³ nada escapa !
 Por tanto, meu querido, em quanto pôdes
 Dá-te ao prazer, e afortunado ¹⁴ vive ;
 E olha que a vida é fugitivo sonho !» —
 Palavras taes o rustico abalaram ¹⁵ :
 Lesto salta da lorga, e andam juntos
 A talhada ¹⁶ jornada, planejando
 Trepas, nocturnos, da cidade os muros.
 Já tinha a noite meio céu vencido
 Quando ambos opulenta casa entraram :
 D'alli, os leitos de marfim cobrindo ¹⁷,
 Tinta em grã ¹⁸ nacarada ¹⁹, a colcha ardia ²⁰ ;

D'alli, a um canto, em cestos arrançados.
 Jaziam abundantes iguarias,
 Da lauta ceia anterior sobejo ²¹.
 Apenas, sobre a purpura ²² extendido,
 O rato da cidade o outro arranja ;
 Qual meço arregaçado, corre, gira,
 E os manjares solícito renova ;
 E, por melhor fazer de moço as vezes,
 Do que lhe traz primeiramente prova ²³.
 O outro encostado, sua dita applaude,
 E faz de grato e festival conviva,
 Eis que das portas rompe horrendo estrondo,
 Que de sotaque ²⁴ os dois do leito arroja :
 Por toda a sala pavidos ²⁵ vagueiam ²⁶
 E sem pinga de sangue mais trepidam ²⁷,
 Quando os erguidos tectos retumbaram
 Com o latir dos válidos ²⁸ molossos ²⁹.
 Então exclama o rustico : — «Meu rico,
 A brenha, a toca ³⁰ de perigos livre,
 Me consolam dos chicharos mofinos ³¹ ;
 Não quero tal viver — fica-te embora ³² ».

Visconde de Seabra (*escriptor contemporaneo*).
 Traduzido do poeta latino, Horacio.

¹ § 112, b. ² Outr'ora, antigamente. ³ Especie de rato dos campos ou silvestre, de focinho preto. ⁴ Lura, toca de coelhos
⁵ Dar ensanchas significa alargar-se, dar largas. ⁶ Semente que se acha no centro de certos fructos, como a uva, a pera ; grainha. ⁷ Variada. ⁸ Certo trigo de duração fóra do usual.
⁹ Planta que nasce entre o trigo e o afoga. A semente da mesma planta. ¹⁰ § 165. ¹¹ § 111, 3). ¹² § 164. ¹³ Um dos rios do Inferno. ¹⁴ § 179, b. ¹⁵ Fazer mudar de opinião. ¹⁶ Ajustada, convencionada. ¹⁷ Os romanos comiam reclinados em uma especie de leito. ¹⁸ É este o nome de um insecto que se emprega na composição das tintas escarlates. A côr escarlata ¹⁹ Que tem a cor de carmim. ²⁰ Brilhava. ²¹ § 109, a), ²² Por extensão: estofo, tinto com a cor de purpura (vermelho escuro) que servia para trajos e outros usos. ²³ Entre os romanos havia escravos encarregados de provar as iguarias, antes de as offerecerem aos convivas. Chama-se convivas ás pessoas

que tomam parte com outras em um festim ou banquete. ²⁴ De repellão. (Sotaque é usado geralmente na accepção de remo-que). ²⁵ Cheios de pavor, assustados. ²⁶ Vaguear no sentido proprio, significa fluctuar, boiar, andar sobre as vagas. No sentido translato : andar á toa, sem tino, desorientado. ²⁷ Tremem. ²⁸ Vigorosos, robustos, forçosos. Não se deve confundir válidos com valídos. ²⁹ Molosso, é uma especie de cão de fila que serve para caçar ou guardar o gado. ³⁰ Buraco no tronco de uma arvore, na terra ou em rocha, onde se recolhem alguns animaes. Chama-se tambem covil, mas este termo é mais usado quando se trata de uma cova de feras. ³¹ Mesquinhos, reles, grosseiros, ordinarios, despreziveis. ³² Adv. que quer diser em boa hora ; em boa paz. Quando é conjuncção e interjeição tem outras sinificações.

124 -- Conquista da península hispanica pelos arabes
(Pag. 272 na 4.º ed.)

As dissensões ¹ do imperio wisigothico ² trouxeram á Hespanha os musulmanos ³. E estes acabaram de conquistar ⁴ aquella parte da Africa do norte, a que chamamos Berberia ⁵, do nome dos povos, que desde tempos remotos a habitaram. Os berberes ou amazighs, que, antes de subjugados ⁶ pelos arabes, seguiam diversas religiões, entre as quaes o christianismo e o judaismo, vieram a receber ⁷ a final em grande parte a lei do koran ⁸, e a alliaem-se ⁹ pelos laços da crença com os vencedores. Abi-Abderrahman-Musa-ben-Nosair, nomeado émir d' Africa pelo kalifa ¹⁰ de Damasco ¹¹ (702), soube attrahir ¹² a maior parte d'elles ao islamismo, e pacificá-los. Septum, a moderna Ceuta, com o territorio vizinho, era desde o tempo dos romanos uma dependencia da Hespanha, e os wisigodos a haviam conservado unida á monarchia. O émir tentara apossar-se d'aquella cidade, mas fôra repellido pelo conde Juliano, que a governava em nome de Witiza. D'ahi a pouco este foi derribado do throno, segundo

parece, por uma conspiração ¹³, na qual entrava Ruderico ou Rodrigo, que lhe succedeu (709). Witiza deixara dois filhos, que procuraram, publica ou secretamente, arrancar a corôa áquelle que consideravam como usurpador. Juliano associou-se a esta nova conjuração e sollicitou os soccorros de Musa, abrindo-lhe as portas de Ceuta e incitando-o a enviar uma expedição á península. Depois de duas tentativas de desembarque, das quaes os musulmanos ou sarracenos, segundo a sua denominação mais vulgar entre os christãos, levaram ricos despojos, o émir enviou um exercito de doze mil homens, composto em grande parte de africanos, e capitaneados por Tarek-bed Zeyad, ou Tarik, seu logar-tenente no governo de Maghereb (Mauritania).

Juliano acompanhava os musulmanos, e a expedição, apontando nas raizes do Calpe, esperou, fortificando-se alli, os reforços que brevemente lhe chegaram. Desde então o Calpe trocou o seu antigo nome pelo de Monte de Tarik (Gebel-Tarik, Gibraltar). Pouco tardou o general musulmano a penetrar no interior da península, e, emquanto Ruderico ajuntava as suas forças para se lhe oppôr, elle assolava as provincias do sul, desbaratando as partidas dos godos, que intentavam obstar ás suas correrias.

Afinal os dois exercitos se encontraram nas margens do Chryssus, ou Guadalete. Deu-se uma batalha, ácerca de cujas circumstancias se lêem nos historiadores arabes e christãos as narrações mais encontradas. É, porém, indubitavel, que esta jornada foi decisiva, e que nella se fez pedaços o imperio wisigothico. Os godos ficaram completamente destroçados, e Ruderico, segundo parece, morreu no conflicto. Os despojos, enviados por Tarik a Musa, com a noticia da victoria, despertaram a inveja e a ambição do émir. Em vez de o louvar por aquelle illustre feito, ordenou-lhe que sobr'estivesse na conquista, até elle passar o estreito com tropas de refresco. Era já tarde. Tarik havia seguido ávante, quando lhe chegaram as ordens de Musa. Con-

sultados os capitaes do exercito ¹⁴ sobre o que se devia naquelle caso praticar, resolveram se proseguisse a victoria. Assim se fez. Mogaite ou Mugueiz-el-Rumi, general de cavallaria, marchou para Cordova: uma divisaõ foi enviada contra Málaga, e outra contra Elvira. Com o resto das forças, Tarik dirigiu-se a Toledo, então capital de Hespanha. Estes differentes corpos espalharam o terror por toda a parte. Os judeus, muito numerosos na península, e opprimidos pelos godos, unindo se aos vencedores, ajudaram-nos a apoderarem-se das povoações que combatiam. Toledo, ao aproximarem-se os sarracenos, abria-lhes as portas, emquanto os principaes da cidade, e entre elles o bispo Sinderedo fugiam para as montanhas do norte, caminho que, depois de submettida a cidade, tambem seguiu Tarik, proseguindo nas suas conquistas.

Entretanto Musa desembarcava na Hespanha, e, depois de tomar Sevilha, que tentara resistir, encaminhou-se para a Luzitania, provincia cuja denominação e limites do tempo dos romanos ainda os wisigodos conservavam. Niebla, Ossuna, Mertola, Beja caíram-lhe rapidamente nas mãos; Mérida defendeu-se valorosamente, mas emfim succumbiu. Enviando a Sevilha, que se rebellara, seu filho Abdelaziz, o émir partiu de Mérida para Toledo, sujeitando as povoações que encontrava na passagem. Em Talavera, Tarik veiu ter com elle, e entraram ambos concordes, segundo parecia, na capital, deixando as tropas acampadas fóra. Apenas, porém, chegou aos paços reaes, ou alcaçar, como os arabes lhe chamavam ¹⁵, Musa ajuntou os cabos do exercito, e perante elles accusou Tarik de desobediente, e teria praticado algum acto de extrema violencia contra o seu logar-tenente, se Mugueiz não houvera tomado ¹⁶ a defesa do accusado, de modo que fez conter a colera do émir, que se contentou em despojar do mando e prender o general, que ousara tomar-lhe uma parte da gloria, que elle cubiçava só para si.

Abdelaziz, tendo neste meio tempo submettido de

novo Sevilha, se dirigia para o sueste da península, ainda não subjugado. Theodemiro, celebre capitão godo, e duque ou governador d'uma parte da Betica, se havia retirado para alli, depois da Batalha de Guadalete, com os restos do exercito e formara uma especie de simulacro da monarchia gothica no territorio das modernas provincias de Murcia e Valencia. Por muito tempo o esforçado Theodemiro resistiu a Abdelaziz, mas, desbaratado nas planicies de Lorca, onde fôra constrangido a acceitar com forças inferiores uma batalha campal, se acolheu com as reliquias das suas tropas a Orihuella (Auriola). Sitiado pelos sarracenos, viu-se reduzido, depois de brava resistencia, a acceitar o jugo musulmano, posto que com vantajosas condições, sendo reconhecido por principe dos godos, nos districtos que occupara, mas como tributario. O pacto, feito por esta occasião, nos foi conservado pelos historiadores arabes.

Neste tempo chegara a Hespanha uma ordem do Kalifa, para que Tarik fosse libertado, e restituído á sua dignidade. Recebendo, em virtude d'esta resolução suprema, o mando das tropas principalmente berberes ou moiriscas, com que vencera os godos do Guadalete, Tarik marchou para o lado do oriente, enquanto Musa com os seus arabes se dirigia para o norte, destruindo as povoações que lhe resistiam. De Astorga o émir, voltando para a direita, e seguindo o curso do Douro, foi ajuntar se com o seu rival, que transpuzera as serras de Molina e de Siguenza, e sitiara Saragoça sobre o Ebro. Com a chegada de Musa, os habitantes perderam toda a esperanza de poderem resistir e deram-se a partido. Tomada Saragoça¹⁴, todas as cidades principaes de Hespanha se achavam em poder dos musulmanos, que em pouco tempo se assenhorearam das modernas provincias de Aragão e Catalunha, e d'alli, retrocedendo para o occidente, sujeitaram a Galliza.

Alexandre Hereulano (1810-1877).

¹ L. *dissencionem*, falta de conformidade nos pareceres; desavença, discordia. Pref. *dis* (*dif*, *des*), que indica separação, e

sação, negação (cp. *dispartir, difficil, divagar, desamparar, desunir*), e a raiz *sens* que exprime a idéa de perceber pelos sentidos, ser de parecer, ter opinião (sup. *sensum*, do v. *sentire*). Cp. *Sens-o, sent-ir, -ença*. Faça a lista dos deriv. e compostos com os pref. *a, con, contra, dis, in, pre, re*. Obs. Alguns escrevem *dissenção* contrariamente á etymol. ² visigodos, ou godos do occidente, por oppos. a Ostrogodos, ou Godos do leste, é a denominação de uns povos germanicos que no v seculo invadiram a Italia, a Gallia meridional e fundaram um imperio na peninsula hispanica. ³ v. n.º 75, nota 9. ⁴ § 224, 3). ⁵ §§ 120 e 121. ⁶ litter. metter debaixo do jugo; sujeitar, submeter, dominar, conquistar. Pref. *sub*; debaixo, e *jugo*, prop. peça de madeira em que se jungem os bois para tirarem por carro ou arado. Cp. *conjug-ar, -ação, -ado, -avel, -e, -al*; *subjug -ar -ção, -dor*; *jumento* (L. *jumentum*, por *jug-mentum*). Obs. Os pref. de origem lat. modificam-se bastantes vezes já pela perda da consoante final, já pela transformação da vogal, já pela assimilação, quer dizer mudança da consoante final em letra igual á inicial da palavra a que o pref. se junta. E' assim que *sub* toma as formas *suc, suf, sug, sup, su, sob, so*. Cp. *succeder* *sufixo, suggerir, suppor, sujeitar, sobroda, solevar*. ⁷ § 82 e § 237, e. ⁸ o livro sagrado dos musulmanos que contem a lei de Mahomet. ⁹ § 237, e Obs. ¹⁰ titulos dos soberanos entre os arabes. ¹¹ cidade da Syria (Asia), a ultima capital do imperio arabe. ¹² L. *attrahere*, prop. puxar para si (de *ad* e *trahere*, puxar arrastar; sup. *tractum*). Trazer ao partido, opinião, religião, etc. Syn. *converter*. Do primit. hypothetico *trahir* forme os compostos e deriv. com os pref. *abs, at (ad), dis, ex, pro, re, sub*. Note que muitos subst. e adj. d'esta familia derivam da raiz *tract* do supino. Pertencem para aqui: *traçar, tracção*, (acção de arrastar), e *trem* (por intermedio do franc. *train*) ant. *trahir*. Obs. *Trahir* só se usa com a signf. de atraiçoar, etc. mas tem origem mui diversa (L. *tradere*, de *trans*, alem, e *dare* dar, entregar). Por isso se escreve tambem *trair* (cp. *traição, traidor*). V. n.º 45, nota n.º 2. ¹⁴ *conspirar* vem do L. *conspirare*, litt. soprar juntamente (de *cum* e *spirare*, soprar); d'ahi; unir-se com outrem para fazer alguma coisa; convir, concordar. Cp. *espirito* = L. *spiritum*, sopro, exhalação (veja n.º 127, nota 2, Obs. 1.ª). Forme a familia d'estas palavras com os pref. *a, ex, in, re, su, tran*. ¹⁴ § 248, Obs. ¹⁵ § 187, d. ¹⁶ § 212, Obs.

125 — Monologo de Catão (pag. 320 na 4.^a ed.)

Consolaste-me, Socrates¹ — não morre
 Com este corpo o espirito que o anima.
 Já me não prendem duvidas; fujamos
 Do vil carcere: a morte só é termo
 Da vida, — da existencia não... No intimo
 D'alma o pôz Deus, o sentimento vivo
 Da eternidade. Este viver continuo
 D'esperanças, este ancisar pelo futuro,
 Este horror da aniquillação, e o vago
 Desejo de outra vida mais ditosa,
 O que são? — Indistinctas, mas seguras,
 Reminiscencias de perdida patria,
 E saudades de voltar a ella.
 Ver-te hei, mansão dos justos! — O sepulchro
 Não é jazigo, é estrada. — Convenceste
 A minha alma, Platão, hei de encostar-me
 Tranquillo e repousado no ataúde,
 Como viajante reclinado á pôpa
 Da galé que em bonança vae singrando
 Com brandos ventos para o porto amigo.

Visconde de Almeida Garrett (1796-1854).

¹ Philosopho grego. Platão, illustre escriptor seu discipulo e mestre de Aristoteles, fundou uma escola chamada *Academia* e viveu entre 430 e 447 antes de Christo.

126 — Os sermões do padre Antonio Vieira
 (Pag. 341 na 4.^a ed.)

São os sermões do padre Antonio Vieira uns riquissimos mineiros do mais fino oiro pelo que respeita á linguagem. Ninguém reuniu em poucas paginas tantas palavras rubricadas pelos mestres¹ que o precederam². As opulencias, que Vieira additou á prosodia, constitui-

riam o idioma portuguez no alto ponto das linguas mais ricas, se já então houvessemos entrado ³ em communhão de sciencias com a Europa, e tivessesmos adaptado á nossa indole glottica ⁴ os termos facultativos. O seu modo de adjectivar é irreprehensivel; a propriedade do epitheto é nelle tão original que a não podemos derivar de Camões nem de Barros. Esplende-lhe do genio; bafeja-lh'a a ironia, o sarcasmo, o que quer que fosse de ⁵ mais avançada cultura, em um meio social de ⁵ mais complicadas paixões. Quem ⁶ se votasse á agradavel tarefa de colher palavras e phrases nos sermões de Vieira, desenredando-as do sarilho vicioso em que elle as envencilhava, formaria um florilegio, um bastantissimo vocabulario e selecta prosodia para exercicios de primorosa escripta. Porém, com tamanha e tão variada opulencia de côres, o padre Vieira deleitava-se em pintar a caricatura da eloquencia sagrada. Por nos servirmos da sua propria phrase em um sermão, Vieira *acarretava textos das escripturas*, levantava conceitos, *jogava de vocabulos*, tecia engenhosos sophismas, e rematava umas conclusões tão alheias dos principios, que o auditorio pasmava da solercia do orador, como das peripecias imprevistas de uma comedia de Alarcão. Às vezes, cavillava os argumentos de modo que as conclusões disparavam em absurdidades chocarreiras. De assumptos sacratissimos fazia o uso que se exemplica em um sermão do SS. Sacramento prégado em 1645. Arma uma palestra meio truanesca, meio philosophica, entre varios personagens em que figura o diabo. Vieira propõe que o inventor da eucharistia foi o diabo. Depois, faz uma barafunda de provas, umas arreatadas nas outras, e conclue que, tendo o diabo dito ⁷ a Eva que, se comesse do pomo prohibido, ficaria igual a Deus, disse a verdade sem querer, porque o pomo era a eucharistia! Os auditorios do padre Vieira, graças á sua fé, resistiriam á tentação de motejar dos dogmas á imitação do orador. Nenhum dos seus sermões expira ⁸ calor de piedade communicativa. Aquel-

les transportes são concertados com os tropos ; está-se vendo o buril da rhetorica a abrir os relevos das metaphoras. O coração está frio, o espirito attento, e o sorriso ás ordens de um desfecho de estalo, de um équivoco, lardeado de empolas, d'uma pantomima de vozes jogada entre duas palavras simulcidentes. O estudioso da vernaculidade assombra-se, e estuda-o com delicias ; o prégador que hoje quizesse imitá-lo seria irrisorio. Teve imitadores, que desceram á infima relaxação a oratoria sacra. Os sermonarios do seculo xvii, que pejam as livrarias, saídas dos conventos, provam que não ha grau determinado para a baixeza da arte corrompida.

Camillo Castello Branco (*escriptor contemporaneo*).

¹ N.º 67, nota 4. ² Litter. vir antes (L. *præ*, antes, adeante, e *cedere*, sup. *cessum*, caminhar, ceder, recuar, morrer, etc.) Antonymo, *succeder*. Familia desta palavra: *ced-er, -ivel* ; *cess-ão* (não confunda com o homophono *sessão*, L. *sessionem*, de *scdere*, estar sentado ; *cessar* vem de *cessare*, estar ocioso, descansar) *-ionario, -ivel* ; *abcesso* ; *acceder* ; *access-ão* (paronymo 1) *accepção*), *-ivel, -o, -orio* ; *ateced-er, -ente, -encia*, antecessor: *conceder*, *concess-or, -ivo, -ionario, -ão* (paronymos, as formas divergentes 2) *conceição e concepção*), *exced-er, -ente, excess-o, -ão*, (paronymo, 3) *intercepção*); *necess-ario, -idade, -it + ar* (+ *ado, ante, ario, oso*); *pre-ced-er, -encia, -ente*, *precessão* (paronymo, 4) *percepção* ; *proced-er, -encia, -ente, -ido, -imento*, *process-o, -ar, -ão, -ion + al* (+ *ario*), *procissão* (paronymo de *processão*); *re-cesso*; *retroced-er, -ente, -imento*, *retrocess-ão, -o, -ivo*; (sub) *suc-ceder*, *success-or, -ivel, -ivo, -ão* (paronymo, 5) *sucção*). Obs. A raiz dos paronymos (1 a 4) é o sup. *captum*, (*ceptum*, na composição), de *capere*, tomar, agarrar, comprehender; 5) tem a raiz em *suctum*, sup. de *sugere*, sugar. ³ § 217, 6). ⁴ De *glote* (em grego *glottis*) órgão da voz, se formou a palavra *glottica* (subst.) É a sciencia que trata do estudo comparativo das diferentes linguas e suas origens e formação. Neste trecho, *glottica* é adj: pertencente á *glottica*. ⁵ 153. ⁶ 218, c ⁷ § 239. ⁸ Exhala, manifesta.

127 — Deus (pag. 350 na 4.^a ed.)

Nas horas do silêncio, á meia noite,
 Eu louvarei o Eterno !
 Ouçam-me a terra, e os mares rugidores,
 E os abysmos do inferno.
 Pela amplidão dos céos meus cantos sôem,
 E a lua prateada
 Pare no giro seu, emquanto eu pulso
 Esta harpa a Deus sagrada.
 Antes de tempo haver, quando o infinito
 Media a eternidade,
 E só do vacuo as solidões enchia
 De Deus a immensidade,
 Elle existia, em sua essencia envolto,
 E fóra d'elle o nada :
 No seio do Creador a vida do homem
 Estava ainda guardada :
 Ainda então do mundo os fundamentos
 Na mente se escondiam
 De Jehovah, e os astros fulgurantes
 Nos céos não se volviã.

Eis o Tempo, o Universo, o Movimento
 Das mãos solta o Senhor :
 Surge o sol, banha a terra, e desabrocha
 Uma primeira flôr ;
 Sobre o invisivel eixo range o globo :
 O vento o bosque ondeia :
 Retumba ao longe o mar : da vida a força,
 A natureza aneia !

Quem dignamente, oh Deus, ha-de louvar-te,
 Ou cantar teu poder ?
 Quem dirá de teu braço as maravilhas,
 Fonte de todo o ser,

No dia da criação ; quando os thesouros
 Da neve amontoaste ;
 Quando da terra nos mais fundos valles
 As aguas encerraste ?

E eu onde estava, quando o Eterno os mundos,
 Com dextra poderosa,
 Fez, por lei immutavel, se librassem
 Na mole ponderosa ?
 Onde existia então ? No typo immenso
 Das gerações futuras ;
 Na mente do meu Deus. Louvor a elle
 Na terra e nas alturas !

Oh, quanto é grande o rei das tempestades,
 Do raio e do trovão !
 Quão grande o Deus, que manda, em sêco estio
 Da tarde a viração !
 Por sua Providencia nunca embalde
 Zumbiu minimo insecto ;
 Nem volveu o elephante, em campo esteril,
 Os olhos inquieto.
 Não deu elle á avesinha o grão da espiga,
 Que ao ceifador esquece ?
 Do norte ao urso, o sol da primavera,
 Que o reanima e aquece ?
 Não deu elle á gazella amplos desertos,
 Ao cervo a amena selva,
 Ao flamingo os paúes, ao tigre o antro,
 No prado ao toiro a relva ?
 Não mandou elle ao mundo, em lucto e trevas,
 Consolação e luz ?
 Acaso em vão algum desventurado
 Curvou-se aos pés da cruz ?
 A quem não ouve Deus ? Sômente ao impio
 No dia da afflicção,
 Quando pesa sobre elle, por seus crimes,
 Do crime a punição.

Homem, ente mortal, que és tu perante
A face do Senhor ?
És a junça do brejo, harpa quebrada
Nas mãos do trovader !
Olha o velho pinheiro, campeando
Entre as neves alpinas ;
Quem irá derribar o rei dos bosques
Do throno das collinas ?
Ninguem ! Mas ai do abeto, se o seu dia
Extremo Deus mandou !

Lá correu o aquilão : fundas raizes
Aos ares lhe assoprou.
Soberbo, sem temor, sahiu na margem
Do caudaloso Nilo,
O corpo monstruoso ao sol voltando,
Medonho crocodilo.
De seus dentes em roda o susto habita ;
Vê-se a morte assentada
Dentro em sua garganta, se descerra
A bôca afogueada :
Qual duro arnez de intrepido guerreiro
É seu dorso escamoso ;
Como os ultimos ais de um moribundo
Seu grito lamentoso :
Fumo e fogo respira, quando irado ;
Porem, se Deus mandou,
Qual do norte impellida a nuvem passa,
Assim elle passou !

Teu nome ousei cantar ! Perdôa, oh Nume,
Perdôa ao teu cantor !
Dignos de ti não são meus frouxos hymnos,
Mas são hymnos de amor.
Embora vis hypocritas te pintem
Qual barbaro tyranno :
Mentem, por dominar com ferreo sceptro
O vulgo cego e insano.

Quem os crê é um impio ! Recear-te
 É maldizer-te, oh Deus ;
 É o throno dos despotas da terra
 Ir collocar nos céos.
 Eu, por mim, passarei entre os abrolhos
 Dos males da existencia
 Tranquillo e sem temor, á sombra posto
 Da tua providencia.

Alexandre Herculano (1810-1877).

128 — Antonio Vieira e Manuel Bernardes
 (Pag. 343 na 4.^a ed.)

Lendo-os ¹ com attenção, sente-se que Vieira, ainda fallando do céu, tinha os olhos nos seus ouvintes : Bernardes, ainda fallando das creaturas, estava absorto ² no Creador. Vieira vivia para fóra, para a cidade, para a côrte, para o mundo : Bernardes para a cella, para si, para o seu coração. Vieira estudava galas e louçainhas ³ de estylo ; achava-as, é verdade, tinha boa mão no affeioá-las ⁴ e uma graça no vesti-las como poucos ; Bernardes era como estas formosas de seu natural ⁵, que se não cançam com alindamentos, a quem tudo fica bem, que brilham mais com uma flôr apanhada acaso, do que outras com pedrarias de grande custo. Vieira fazia a eloquencia ⁶ ; a poesia procurava a Bernardes ⁷. Em Vieira morava o genio ; em Bernardes o amor, que, em sendo verdadeiro ⁸, é tambem genio. Vieira sacrificava tudo á sua necessidade suprema, ao empenho de ser original e unico ; sacrificava-lhe a verdade ; sacrificava-lhe a verosimilhança ⁹ ; sacrificava-lhe até a possibilidade ; não hesitava em propôr o principio mais absurdo, como fosse ou parecesse novo ; e, como para lá não achava caminho pela logica, fabricava-o com pontes sobre pontes, atravez d'um oceano

de sophismas ¹⁰, de argucias, de puerilidades, de indecencias, de quasi heresias; e, contente de lá chegar por entre os applausos, não se detinha a reflectir se não tinha sido aquillo um abuso da grande alma que Deus lhe dera, uma duplice vaidade aos olhos da razão e da philosophia, um exemplo ruim, mais perigoso pelo agigantado de quem o dava; Bernardes não tomava these, que da consciencia lhe não brotasse; e a desenvolvê-la applicava todas as suas qualidades intellectuaes, que eram muitas, e todas as suas faculdades moraes, que eram mais tresdobradamente. Vieira zomba frequentes vezes de nossa credulidade; podemos desconfiar da convicção de Vieira, ainda quando nos falla certo; Bernardes é um amigo candido e liso que, ainda quando nos illude, não nos mente.

Antonio Feliciano de Castilho (1800-1875).

¹ § 238, 1 ² enlevado, transportado, arrebatado *p. p. irr.* de absorver ³ syn. de galas; propr. o vestido de ataviar-se em dias de festa. Louçania, atavio, enfeite, adorno. ⁴ dar feição, forma ou figura. § 222 c). ⁵ naturalmente formosas. ⁶ a arte de bem fallar e persuadir; qualidade de impressionar com a palavra (L. *loqui*, fallar). Cp. loqu-az, -acidade -ela, circumloquio, colloquio (*con*), eloquente, soliloquio (*solus*, só), ventriloquo: locução (tambem com os pref. *al* (*ad*), *circum*, e *inter*), interlocutor. ⁷ § 120 ⁸ § 240, b. ⁹ apparencia de verdade (comp. de *vero*= verdadeiro, e *semelhança*). Tambem *verisimilhança* e *verosimilidade*. ¹⁰ argumento falso, enganoso. Cp. *sophismar*, *sophist-a-icar*, -icação. (G. *sophos*, sabio. Cp. *philosoph-o, ia* (*philos*, amigo), *theosophia* (*theos*, Deus).

129 — O cabo das tormentas (pag. 345 na 4.^a ed).

Eramos cerca do famoso cabo
 A que mudou boa esperanza o nome,
 Que primeiro lhe demos, das tormentas.
 Ao pensar em tão asperas fadigas,

Tanto sangue perdido, tanta morte,
 Tanto naufragio cru², desgraças tantas
 Que a dobrar esse cabo nos custaram
 Para ir edificar sublime imperio,
 Novo reino entre gentes tão remotas³
 Se me alargava o coração no peito,
 Vendo-me portuguez. E é pois tal feito,
 Feito d'homens?... O vento repentino
 Soprou, rasgaram-se as fechadas nuvens,
 E retremeu nos mares o estampido
 D'um trovão temeroso. Alheada a mente
 Na majestade da procella horrisona⁴,
 E em tamanhas idéas confundida,
 No ar se me affigurou troar, de irada⁵,
 A potestade⁶ immensa d'algum genio⁷,
 Que os cancellos do Oriente alli guardasse.
 Cuidei ver a grandissima estatura
 De disforme gigante a quem as chaves
 Confiara d'Asia o arbitro⁸ do mundo,
 E que, de⁵ tanta audacia portugueza
 Irritado ao primeiro que franquear-lhe
 Assim ousou seu passo tão defeso,
 Da bôca negra e pallido de colera,
 Fatídico dissesse: — «O gente ousada,
 «Mais que quantas no mundo hão commettido
 «Empresas grandes, não te basta o mundo
 «D'homens sabido para tantas guerras,
 «Taes e tão cruas, com que, tão pequenos,
 «Fatigaes o universo? De tão longe
 «Vindes quebrar meus terminos vedados,
 «A demandar em regiões ignotas⁹
 «Onde levar essa ambição de gloria,
 «Essa implacavel sêde de conquistas
 «Que no inquieto peito vos referve?
 «Acabareis por fim co'a empresa ardida;
 «Sim vencereis: mas a victoria cara
 «Tem de custar-vos. Inimigo eterno,
 «Aqui em meu tremendo promontorio

«Hei-de tomar asperrima vingança
 «De quem me descobriu. Mortes... — A morte
 «Será dos males, que lhe guardo, o minimo.
 «Nem da beldade as lagrimas formosas,
 «Nem suspiros d'amor, nem ais carpidos
 «De maternal ternura hão-de amolgar-me ;
 «Mas não se acabará só nisto o damno :
 «Antes por vossas mãos o mór castigo
 «Recebereis : do imperio cimentado
 «Com tanto sangue e com virtudes tantas
 «(Breve as heis de perder), medonhos crimes,
 «Devassa tyrannia, infandos vicios,
 «Superstição cruel minarão cedo
 «Os nobres fundamentos. Aluido
 «Baqueará por terra o solio altivo
 «Que sobre as ruinas erguereis dos povos.
 «Vós descereis, pelos degraus do vicio,
 «Do throno a que a virtude vos alçára.»

Visconde de Almeida Garret (1799-1854.)

¹ veja na segunda parte d'este volume o episodio do *Adamastor*, dos *Lusiados* (n.º 246), de que este trecho do poema *Camões*, do visconde de Almeida Garret, é uma paraphrase.
² cruel. Cp. *recrudescer* (L. *recrudescere*, augmentar em crueldade), agravar-se, augmentar o mal, a molestia ³ p. p. irr. de *remover* : pref. *re* e *moto*. Prop. mudado d'um logar para outro ; afastado, apartado, longinquo, distante. Diz-se do tempo e do espaço. Cp. *move-r* (L. *movere*, supino *motum*) *diço,-dor,-l,-nte*; *móvi-mento,-vel* ; *mobil* (L. *mobilem*, por *movibilem*,) *+ ar,-ia,-izar,-idade* ; *mot o,-or,-im,-ivo* ; *moção*= L. *motionem* (v. n.º 25, nota 5, *Obs. 2.ª*), *momento* (L. *momentum*, por *movimentum*, propr. meio de impulsionar, d'aqui : peso, importancia, occasião, instante. *Momento*, em mechanica é syn. de força movente) *motu-proprio*. Forme a lista dos der e comp. com os pref. *a, con, de, e, in, pro, re*. ⁴ *horrisono*, de horrivel som. Cp. *unisono* (*unum*, um). ⁵ § 141. ⁶ poder. Cp. *potencia, potent-e, -ado*, etc. ⁷ v. n.º 157 nota 6. ⁸ pessoa que, por consenso dos litigantes, julga e decide alguma questão. Senhor que póde á sua vontade determinar a sorte de alguma coisa. ⁹ desconhecidas. Cp. *ignora-r, -nte*, *ignaro* L. pref *in, neg*, e *gnarus*, que sabe, que conhece.)

130.— O infante D. Henrique (pag. 229 na 4.^a ed.)

Quem ler com alguma attenção e com animo imparcial e limpo de baixas preocupações a historia dos descobrimentos e viagens maritimas emprehendas e executadas pelos portuguezes, desde os principios do seculo XV, com tanta utilidade do mundo civilizado, não poderá deixar de sentir-se possuido de admiração e quasi assombro, considerando que uma nação pequena, libertada pouco antes da oppressão dos sarracenos e das pretensões de seus vizinhos, destituida de guia e exemplar que a tivesse precedido na sua carreira, carecida dos mais meios e methodos, que o tempo, a industria e o progresso das sciencias têm depois multiplicado, — que esta nação, digo formasse e executasse a vasta, difficil e arrojada empreza de descobrir tantos mares, terras e povos até então desconhecidos, de navegar até ás mais apartadas regiões do mundo e de levar por toda a parte a sua industria, a sua civilização, o seu commercio, as suas armas e o seu dominio! Mas tanto pode o genio do homem! Um homem de genio, um principe dotado de uma grande alma e de uma constancia invencivel, bastou para conceber e executar tamanha empreza!

Foi este o immortal infante D. Henrique, filho de el-rei D. João I. A ordem do nascimento não o havia destinado para o throno; os seus meios eram consequentemente limitados, se os compararmos com a grandeza e vastidão do projecto a que se abalançava; a sua idade parece que não dava bastante caução nem á madureza do plano, nem á constancia do desempenho: muitos portuguezes, ainda dos mais doutos e avisados, impugnavam as suas idéas como chimericas ou temerarias e o seu plano como inexequivel; antigas preocupações, ainda não dissipadas pela experiencia, representavam a zona torrida como inhabitavel e a existencia dos antipodas como impossivel: imaginavam-se medos e receios de navegar, em mares perigo-

sos, cheios de monstros e nunca trilhados de outras quilhas. Emfim, ainda depois que o infante deu principio aos seus trabalhos maritimos, doze ou mais annos se haviam já passado em tentativas infructuosas sem resultado algum essencial senão o de dar novos argumentos e maior ousadia aos inimigos e impugnadores da empreza.

Tudo isto parece que seria mais que sufficiente para desanimar uma alma menos heroica, e para privar ainda por longo tempo o mundo das immensas vantagens que haviam de seguir-se de tão glorioso projecto. Mas o illustre principe teve em pouco todas as difficuldades que se lhe oppunham e marchou intrepido na carreira que tinha encetado. Nem se presuma que as suas resoluções eram cegas ou temerarias: que as não costumam tomar taes os grandes homens, ainda que o vulgo ignorante e incapaz de comprehender as coisas elevadas, que sobreexcedem a medida do seu espirito, lhes ponha muitas vezes essa tacha.

Tinha o illustre infante deante dos seus olhos a vasta grandeza e quasi immensidade do Oceano, e pelas antigas cartas, taboas e descripções dos geographos podia presumir que esta grande massa de aguas circumdava toda a Africa, e banhando a sua testa meridional, ia unir-se com os mares do Oriente, por onde naquelles tempos se navegavam as especiarias e drogas da Asia para os golphos Persico e Arabico.

As nações da Europa, que iam ao Levante ¹ buscar estas mercadorias e que tinham suas feitorias no Egypto, na Syria, na Asia menor, na Armenia e nos estados berberescos, não deixariam de ter algumas noticias d'aquelles mares e de que elles vinham lavar as praias e costas orientaes da Africa. Os arabes e moiros estavam estabelecidos em muitos pontos d'ellas, navegavam todos os mares orientaes até á China e mar Pacifico, e tinham relações com o Cairo, Alexandria, Damasco e outros emporios do Levante.

Por outra parte tinha o infante, pelas lições da his-

toria, noticias das navegações antigas em roda da Africa, attribuidas aos navegantes phenicios e carthaginezes; e, posto que pudesse duvidar da realidade d'estas grandes emprezas, como muitos modernos têm duvidado, nem por isso era menos certo que antiquissimos e mui doutos escriptores as haviam julgado possiveis e exequiveis; que era o que bastava para dar força e até probabilidade ás conjecturas sobre a communicação e continuidade dos mares.

Egualmente haviam de ser conhecidas ao douto infante as viagens maritimas dos dois marselhezes Pytheas e Euthymenes, uma pelas costas occidentaes da Europa ao norte do estreito de Hercules até á ilha de Thule, e outra pela de Africa, ao sul do mesmo estreito, até um rio que os antigos chamavam Nilo e que parece ser o Senegal, ou algum dos outros grandes rios, que naquellas paragens vêm sair ao Atlantico.

Vindo a tempos mais modernos, não se pôde negar que as cruzadas, o commercio com o Oriente e as viagens por terra haviam alargado muito os limites da geographia.

Além das feitorias europeas no Levante, de que já fallamos, e além da communicação com os arabes e do commercio, que, por meio d'elles, se fazia com a Persia e India, bem conhecidas são as numerosas viagens que nos seculos XIII e XIV seprehenderam e executaram tanto pelos christãos, como pelos arabes, entre os quaes alguns dos primeiros não só frequentaram os paizes orientaes mais remotos, desceram a Ormuz, e ás costas occidentaes da India áquem do Ganges, visitaram a ilha de Java e Columbo em Ceylão, onde havia igreja christã, etc., e os segundos divagaram por toda a Asia oriental e occidental, correram a Africa até Sofala ao oriente e até ás margens do Niger no interior, e nos deixaram em seus escriptos preciosas noticias geographicas, principalmente dos vastos paizes, aonde tinha chegado o islamismo.

As importantes relações de todos estes trabalhos fi-

zeram os paizes orientaes menos extranhos aos europeus; ampliaram a esphera da geographia, excitaram a curiosidade e gosto das viagens, e deram a conhecer, posto que ainda confusamente, muitos povos e nações da Asia, denotando alguns pontos importantes das suas costas, ilhas e mares.

Todos estes conhecimentos auxiliados das proprias reflexões e combinações cosmographicas do infante D. Henrique, e fermentados (digamos assim) pelas inspirações do genio, influiram no immortal principe a sua heroica resolução, tanto mais facilmente por elle adoptada, quanto mais a grandeza do commettimento se conformava com a vasta capacidade do seu generoso e verdadeiramente real espirito.

A fortuna favoreceu a sua constancia e heroica perseverança.

Depois de alguns annos de tentativas infructuosas, dobrou-se emfim o formidavel cabo Bojador, que, por tanto tempo, triumphára das diligencias e esforços dos navegadores portuguezes. Viram-se novos mares, novas ilhas, novas terras; descobriram-se nações barbaras, extranhas na côr, na linguagem, nos costumes, na religião; começaram a alargar-se os limites do commercio com os novos objectos, que cada dia se offereciam ás suas indagações e á sua actividade; formaram-se relações de communicação e até de amizade com alguns dos principes barbaros; e abriram-se as portas á navegação oriental, ao conhecimento das vastissimas regiões interiores de Africa, até então vedadas aos europeus e ao descobrimento do novo mundo, que², sem as atrevidas navegações dos portuguezes, é de presumir que ainda por muito tempo ficasse ignorado.

O illustre infante, tendo empregado nestes uteis e gloriosos trabalhos quarenta e dois annos da sua vida, falleceu emfim a 13 de novembro de 1460, deixando descoberta além de muitas ilhas, a costa occidental de Africa, desde o cabo de Nam até Serra Leôa, legando aos reis portuguezes e a toda a nação uma grande he-

rança de gloria e indicando aos vindoiros o caminho, que deviam se seguir para dar feliz complemento aos seus vastos planos e desenhos.

D. Frei Francisco de S. Luiz (Cardeal Saraiva, 1766-1845).

¹ A costa occidental da Asia, banhada pelo Mediterraneo.
² § 245.

131 — O canto do Adail ¹ (pag. 371 na 4.^a ed.)

— «Quando, ao longe, nos campos d'Arzilla,
Alvejava do Moiro o albornoz,
E corria, e corria veloz
O ginete de Bellamarim ;

Quando o esculca ², saído da villa
Da manhã ao primeiro fulgor,
Não podendo a atalaya transpôr,
Vinha ás portas bater de Çafim ;

Quando em Tanger, a forte, se ouvia
De armaduras continuo tinir,
E nos ares se via luzir
O montante, a acha d'armas, e o criz ;

Quando em Ceuta vencida se erguia
Sobre o alcacer pendão portuguez,
Contra o qual na mesquita de Fez
A gazúa ³ prégava o caciz ⁴ :

Quando Alcacer-Ceguer, a viçosa,
Que em vergeis se reclina gentil,
Pela noite fragrante d'abril
D'entre os robles sorria ao luar ;

Porque, rico de presa formosa,
Já voltou nobre alcaide christão,
E inda ao longe de incendio o clarão
Tinge o céu sobre um triste aduar ⁵;

Nossa estrella era então esplendente ;
Nosso nome era um som de terror ;
Nossos paes conduzia o Senhor,
Qual Judá d'entre a sarça do Horeb.

Portugal, oh ! leão do occidente,
Tu rugias á beira do mar,
E o teu grito cá vinha troar
Temeroso no ardente Moghreb :

Era o tempo dos crentes e ousados :
Era o tempo da gloria da Cruz !
Ora contam-se as páreas d'Ormuz :
Tem só nome Cochim, Calecut :

E esses muros d'Arzilla, regados
Com o sangue de martyres mil,
Ermos hoje tu deixas, rei vil,
Porque o estreito passou Rais Dragut ⁶ !

Oh ! valentes da India, do oceano,
Roncadores de féros ⁷ no mar,
Cuja espada, porém, faiscar
Não sabe inda do Moiro no arnez,

Mostrar vinde o valor sobre-humano
Neste clima de sol mirrador !
Aqui fama se compra com dôr :
Facil gloria esquecei uma vez.

As galés do arraes moiro são fortes ;
Sua chusma, berbers de Takrur ;
Como o vosso rei indio, Badur,
Não ha-de elle acabar á traição.

Uma festa de sangue e de mortes
Do occidente nas vagas tereis ,
Elmos rijos aqui achareis.
Não o craneo de inerme sultão !